ANO XV NUM. 3

Bem-Te-Vi

Março de 1937

A SURPRESA

Amelia e Franklin eram dois irmãozinhos que moravam numa casa grande, com o papai, a mamãe e a governante, D. Mina. Eles gostavam muito de brincar dentro de casa, porém mais ainda lá fóra, quando o tempo estava bom.

Todo o dia a governante D Mina levava-os a passeio. Amelia e Franklin gostavam muito de andar. A's vezes iam à Praça da República, onde brincavam com muitos outros meninos e meninas. A's vezes, tambem, se segurassem a mão de D. Mina, podiam ficar olhando os peixes dourados que nadavam de um lado para o outro, na lagoa.

Em uma manhã fresca de Agosto, quando Amelia e Franklin estavam passeando com D. Mina, o menino viu numa arvore alguma coisa que o fez parar.

— Olhem aqui uma folha morta ! gritou. Eu não sabia que elas ficavam nas arvores durante o inverno. Vocês não lembram que nós ajudámos o jardineiro a ajuntar em um montão as folhas que morreram, no mês passado ?

D. Mina aproximou-se da arvore e baixou o galho. De fato, ali havia algo semelhante a uma folha muito seca.

— Não é uma folha morta, Franklin, ela disse. Vocês se lembram daqueles bichinhos que nós vimos comendo as folhas, no mês de Maio ? Um dêles veiu dormir aqui e este é o seu berço. Sempre que o vento sopra, balança-o como a mamãe costuma balançar a caminha de vocês. Vamos levá-lo para casa e qualquer dia vocês terão uma surpresa.

Franklin tirou do bolso o canivete novo que o papai lhe déra no Natal. Então D. Mina cortou o pedaço de galho que sustentava o bercinho, que ela chamou casulo, e levaram-no para casa.

Depois que o mostraram à mamãe, Amelia procurou uma caixa de doces vazia para guardá-lo e D. Mina levou-o para o quarto de brinquedos.

Dia após dia Amelia e Franklin iam examinar a caixa, ansiosos por saber se iam ter uma surpresa e qual seria ela. E sempre faziam perguntas a D. Mina, que só lhes respondia:

— Esperem e vejam.

Então Amelia e Franklin esperavam, esperavam.

Em uma manhã cinco semanas depois, D. Mina estava ajudando as crianças a desenhar. Amelia estava fazendo uma menina, uma casa e uma arvore, enquanto que Franklin tentava fazer um indio. Estava tudo em silencio. De repente eles ouviram um barulhinho na caixa de doces.

— Já veiu a surpresa ! Já veiu a surpresa ! exclamou Amelia, correndo para a caixa. Depressa, Franklin !

— E' uma borboleta! gritou. Uma borboleta preta, toda enfeitada de azul, côr de laranja e vermelho !

A mamãe desceu depressa a escada para vê-la tambem.

— Mas que linda, não ? ela disse.

— Vamos deixar que ela vôe, Amelia disse.

— Não, depois não poderemos mostrá-la ao papai, e êle tambem quer vêr, disse Franklin.

— Eu vou ajudá-los a desenhar a borboleta, sugeriu D. Mina, e então êle poderá vê-la quando voltar para casa. Vamos fazer um desenho ?

— Vamos, concordaram as crianças, enquanto abriam a janela larga.

A surpresa encantadora pousou um instante sobre algumas flores da jardineira da janela e então voôu para o jardim em busca de mél, porque estava com fome depois de tão longo sôno.

Bem-Te-Vi

MATRICULADO CONFORME O DECRETO 24.776 DE 14 DE JULHO DE 1934.

ANO XV N.º 3
REVISTA MENSAL

REDAÇÃO: AV. CONDESSA DE SÃO JOAQUIM, 155
OFICINAS: RUA DA LIBERDADE, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: NANCY R. HOLT
ADELINA DE CERQUEIRA LEITE
Desenhista: CELIA ROCHA BRAGA

São Paulo, Março de 1937

Gerente responsavel:
SERVULO C. SANT'ANNA
Sub-Gerente: FERNANDO BUONADUCE

Zico e o Coelho da Páscoa

— Mamãe, perguntou Zico, é mesmo verdade que o coelho da Páscoa põe ovos de chocolate?

— Dizem que sim, respondeu a mamãe. O coelho da Páscoa é como São Nicolau — a gente nunca vê nenhum deles. Pode bem ser que ele põe mesmo os tais ovos.

E com isso a mãe de Zico continuou a plantar a ervilha de cheiro, no canteiro que tinha a terra bem amolecida pela chuva da véspera.

— Mas, mamãe, só existe *um* coelho da Páscoa, como São Nicolau, ou há uma porção deles, como fadas?

— Quem é que sabe? tornou a mamãe. Você estonteia a gente com tantas perguntas. E para que quer saber isso, afinal?

— Eu estava só pensando, disse Zico. Ah, mamãe, eu queria tanto ter um coelho da Páscoa!

— Mas para que? Você não ganha ovo de chocolate, sem ele mesmo? No ano passado você nem pôde comer todos os ovos que encontrou. Não vale a pena a gente querer entrouxar-se de uma coisa como porco. O que você havia de fazer com mais ovos?

— Mas eu não ia comer todos sòzinho.

— Então para que servia um coelho da Páscoa?

— Sabe, mamãe, disse Zico, se eu tivesse um coelho da Páscoa — se eu tivesse mesmo um — e ele pusesse ovos de chocolate, eu havia de dar alguns para Chico e Sarita Sucupira. Eles não ganham um ovo sequer na Páscoa, e isto não está certo. Por eles serem pobres e viverem perto da valeta, não é razão para não receberem coisas como as outras crianças.

— Gosto de ver que você é tão amavel, disse a mãe de Zico. Nem todo

o menino é assim generoso. Mas desde que Chico e Sarita não recebem ovos, seria bonito de sua parte se você désse para eles alguns dos seus ovos.

— Eu podia fazer isso, tornou Zico, mas teria muito mais graça se o coelho da Páscoa pusesse uns especialmente para Chico e Sarita.

— Pode ser que ele ponha, disse-lhe a mãe. Vamos ver só.

Naquela noite, depois de Zico estar na cama, ouviu uns gritinhos em baixo da janela :

— Ai, ai ! Ai de mim !

Zico foi até a janela e espiou. O luar era maravilhoso. Ao pé do banheiro dos passarinhos, Zico viu um coelho branco, enorme. Era do tamanho do gato ângora da vizinha, D. Filó.

— O que você tem ? perguntou Zico. Porque está dizendo "ai de mim" ?

— Que aflição a minha ! disse o coelho. Estou perdido de todo. Pensei que isto era um poste sinaleiro, mas não tem taboleta nenhuma.

— Naturalmente ; isto é um banheiro para os passaros, explicou Zico. Não podia dizer nada.

— Que maçada ! continuou o coelho. Então qual é o caminho para a Páscoa ?

— Ora e esta ! A gente não *vai* para a Páscoa, tolinho. A Páscoa vem para a gente. E' assim o costume.

— E' verdade ? disse o coelho, duvidoso.

— Palavra ! assegurou Zico. Você só tem de esperar. A Páscoa estará por cá no próximo domingo.

— Isso tira um peso do meu espirito, disse o coelho.

— Porque ? perguntou Zico. Você é um coelho da Páscoa ?

O coelho tomou ares de importancia.

— *Um* coelho da Páscoa, nada ! Eu sou *o* coelho da Páscoa, asseverou. Só há um, e sou eu.

Ele lembrava a Zico um gnomo pequenino de sobretudo branco.

— Formidavel ! exclamou Zico. Eu estava mesmo procurando por você. Se quiser morar em minha casa, darlhe-ei quantas cenouras puder comer.

— Cenouras ! aparteou o coelho com desdem ! Você pensa que eu como coisas comuns assim como cenouras ? Cenouras para o coelho da Páscoa ! Será possivel !

— Então me diga só o que você come, indagou Zico.

— Balas de ovos, disse o coelho. Dieta rigorosa de bala de ovos, e de vez em quando um ou dois pirulitos !

— Pois está certo, disse Zico, eu arranjo as suas balas de ovos.

— E pirulitos tambem ?

— Tambem. Espere um instante que eu vou recebê-lo em baixo.

Zico enfiou o roupão e foi ter com o coelho. Este era mesmo lindo, todo branco e fofo como arminho, com orelhas longas, sedosas e rosadas e um par de olhos que reluziam como rubís. Tinha um que de misterioso, cômo se viesse de longínquas paragens.

Zico já ia erguê-lo pelas orelhas, mas o coelho pulou de lado.

— Que é isso ? Não faça tal ! advertiu. Eu sou o coelho da Páscoa. Minhas orelhas não são alças. Você gostaria que o agarrassem pelas orelhas ?

— Mas é que pensei que os coelhos estão acostumados a isso, disse Zico.

— *Você* ficaria acostumado a isso ? perguntou o coelho. Erga-me direito, como se eu fosse um nené.

Zico carregou o coelho até o porão e deu-lhe uma almofada para lhe servir de cama. Na manhã seguinte ele chamou a mãe para ir ver o coelho da Páscoa. A mãe de Zico desceu levando o Nené, que gostou de alisar o coelho e dizer *ba-ba-ba !* Depois a mãe de

Zico foi à despensa e trouxe um repolho bonito para o coelho; mas ele só fez caretas. Então Zico se lembrou das balas de ovos, o que sua mãe achou que não tinha cabimento.

Zico foi à confeitaria comprar as balas e encontrou Gabriela Santos com uns pirulitos na mão. Ela esperou por ele e acompanhou-o à sua casa para ver o coelho.

— Mas como ele é branco e fofo! disse Gabriela. E que orelhas tão compridas!

— Você não pode erguê-lo pelas orelhas, explicou Zico. Ele não está acostumado a isso.

O coelho sentiu o cheiro das balas de ovos e começou a mexer o nariz. Zico deu-lhe um punhado delas, que ele comeu.

— Não vá ficar doente, disse Zico, vendo as balas desaparecerem.

— Isso não é nada para mim, retrucou o coelho. Tenho uma paixão por essas balas.

— Ele é mesmo um coelho da Páscoa, que põe ovos de chocolate? perguntou Gabriela.

— Se põe! disse Zico.

Depois, apontando para o coelho, ele ordenou:

— Ponha um ovo de chocolate!

Mas o coelho abanou a cabeça e disse:

— Você não pode ir mandando assim "ponha um ovo", como tambem não pode d zer a uma lagarta: "faça um casulo", ou "vire em borboleta". Em primeiro lugar, onde está meu ninho?

— Ah, você precisa de um ninho? perguntou Zico.

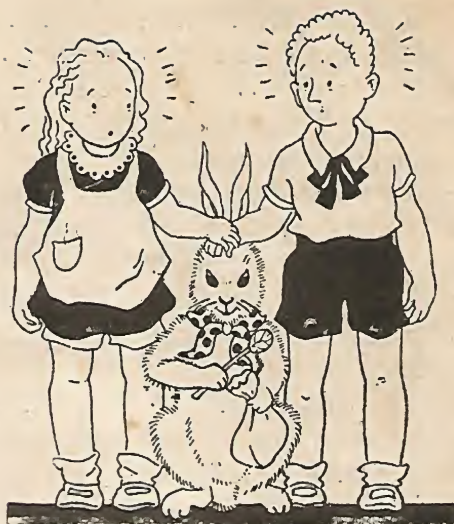
— E' claro. Um ninho fofo, gostoso, forrado de penugem.

Então Zico foi emprestar a cesta de costura de sua mãe e forrou-a com pena de um travesseiro velho. Gabriela trouxe o cobertor de sua boneca, que estendeu em cima.

— Então, disse Zico, que tal este seu ninho?

— Serve, respondeu o coelho, pulando dentro dele.

— Está bem, tornou Zico. Então agora ponha um ovo — não, ponha dois.

— Isso mesmo; ponha um para mim tambem, disse Gabriela, que eu lhe dou um pirulito.

Mas o coelho só foi dizendo:

— Mais balas de ovos.

— Você já comeu um despropósito delas, disse Zico, oferecendo ao coelho o resto das balas.

Gabriela deu um pirulito de groselha para ele chupar.

— Uma vez que você *já* está pondo ovos, disse Zico, ponha bastantes, para Chico e Sarita Sucupira tambem. Eles não ganham nunca ovos na Páscoa.

— Está certo, disse o coelho. Chico e Sarita. Não hei de me esquecer. E agora, se me deixarem sòzinho, seria bem bom, para eu pensar umas coisas bonitas.

Todos sairam. Mas na manhã seguinte, quando Zico foi ver se o coelho tinha posto os ovos, ele só disse:

— Mais balas de ovos. E um pirulito tambem não ia mal.

— Você promete então pôr uns ovos de Páscoa? perguntou Zico.

O coelho fez cruz e beijou. Então Zico foi no seu velocípede vermelho até a confeitaria comprar mais balas de ovos. Gabriela estava lá comprando pirulitos. Eles voltaram juntos e deram ao coelho balas e pirulitos.

— *Agora*, disse Zico, se ele não puser um milhão de ovos de chocolate, não há de ser por nossa culpa.

Dias a fio Zico e Gabriela foram gastando todo o seu dinheiro na compra de balas de ovos e pirulitos para o coelho. Felizmente para eles, a Páscoa vinha perto. Num sábado, Zico lembrou o coelho de que o dia seguinte seria Domingo da Páscoa.

— Ai, ai! Ai de mim! lamentou o coelho na sua vozinha esganiçada.

— Para que essa choradeira? perguntou Zico com ansiedade. Não está tudo como você queria?

— E' que só agora comecei a pensar, disse o coelho, e minha cabeça está vazia de bons desejos.

— Você quer dizer que não pode pôr ovos de chocolate enquanto não tiver bons desejos?

— Não posso muito bem, disse o coelho.

— Que marca de coelho é você! tornou Zico. Faz tamanha encrenca por causa de uns ovos como minha mãe ara eu usar galochas.

Nisso, chegou Gabriela Santos com mais pirulitos. Quando Zico lhe contou que o coelho estava precisando de bons desejos, ela disse:

— Pois bem, vamos dar-lhe alguns. Vai ver como.

Então os dois puseram as mãos na cabeça do coelho e falaram em côro:

—Muitos desejos bons para a Páscoa!

—Assim mesmo, disse o coelho. Agora, vocês mencionaram Chico e Sarita. Estão bem gravados na minha memoria. Nome espanholado, Sarita. Sugere um ovo especial, meio fantasiado. Bem, esta noite deixem no meu ninho dez tostões de balas de ovos, alguns pirulitos, e amanhã cedo vão ver que surpresa!

— Espero que esse coelho não me esteja enganando, disse Zico quando gastava seus ultimos tostões com balas de ovos. Os pirulitos corriam por conta de Gabriela, naturalmente.

Na manhã seguinte, bem cedo, Zico foi ao porão ver o que o coelho tinha posto. O coelho, mesmo, havia desaparecido, mas no ninho, em cima de uma maçaroca de papel brilhante, estavam dois ovos de chocolate, os mais formidáveis que Zico vira na sua vida.

— Hurrah! ele gritou. Mamãe, venha ver o que o coelho pôs! Um ovo para mim e outro para Gabriela. E que enormes!

Mas quando os examinou melhor, Zico fez-se amarelo, porque num dos ovos, em letras de açúcar, estava escrito *Chico*, e no outro, que tinha uma cinta vermelha, *Sarita*.

— Ora, mas eles são para Chico e Sarita, disse Zico. E eu não ganhei nenhum! Não vale a pena ser generoso.

Ele começou a chorar.

— Mas não era isso mesmo que você queria? perguntou-lhe sua mãe. Você queria que Chico e Sarita ganhassem ovos de Páscoa.

— E', sim, mas eu queria tambem *alguns* para mim, disse Zico. De que vale a gente ter um coelho da Páscoa se não se lucra nem um ovo? Aquele coelho feio e guloso só me tapeou. Todas aquelas balas e nem um ovo! Foi bom que ele sumiu daqui.

— Não faça caso, disse sua mãe. Não chore mais. Leve os ovos para Chico e Sarita. Eles vão ficar alegres, e então pode ser que você se sinta mais consolado.

Zico enxugou as lagrimas e levou os ovos. Chico e Sarita ficaram tão contentes que Zico esqueceu um pouco sua tristeza. Sarita até quis dar-lhe metade do seu ovo, quando soube o que o coelho tinha feito para ele.

Voltando para casa, sua mãe disse:

— Pode ser que o coelho escondeu seus ovos. Você não se lembra, na outra Páscoa, como ele escondeu os ovos pela casa toda? Porque não vai procurar?

Então Zico foi ver. Encontrou o primeiro ovo dentro da vitrola, e outro no relogio, outro no vaso sobre o aparador e mais dois na gaveta de revistas.

— Até parece mágica! disse Zico.

Ao todo ele achou vinte e sete ovos. Nisso chegou Gabriela, com o aventalzinho cheio de ovos de chocolate.

— Imagine! ela exclamou. O coelho da Páscoa pôs esses ovos, e em cada lugar! Levei mais de uma hora procurando. E agora você não está bem contente por nós termos dado a ele balas de ovos, pirulitos e bons desejos?

— Ele se lembrou de Chico e Sarita tambem, disse Zico, como prometeu mesmo. E' pena só que se foi embora, porque os dois queriam agradecer.

— Está vendo, disse a mamãe, que vale a pena ser generoso, afinal de contas.

— Va . . . le, respondeu Zico, com a boca cheia de ovo de chocolate.

Um pedacinho dificil

Adriano estava brincando com sua prima Stela. Quando ficaram cansados de jogar bola, entraram em casa. Stela foi buscar os cachimbos de fazer bolhas e eles arranjaram um pouco de agua de sabão. Então sairam uma porção de bolhas grandes, coloridas, que iam flutuando no ar. Mas Adriano era um menino meio desastrado. Fez tamanho esforço assoprando uma bolha, que bateu o cachimbo na mesa. Este caiu ao chão, partindo-se em muitos pedaços.

Adriano esperava que Stela se zangasse e o repreendesse, mas para sua surpresa, a priminha não ficou nem um pouco de mau humor. Ela correu buscar a vassourinha e a pá e ajuntou os pedaços. Então os primos brincaram de "esconde-esconde" até que chegou a hora de Adriano ir para casa.

A mamãe teve pena de Stela, porque sabia que ela gostava muito de seus cachimbos de fazer bolhas.

— Estou tão contente, ela disse, porque póde acontecer desastres com os brinquedos da minha filhinha, sem que ela fique zangada.

Stela ficou um momento calada. Depois disse :

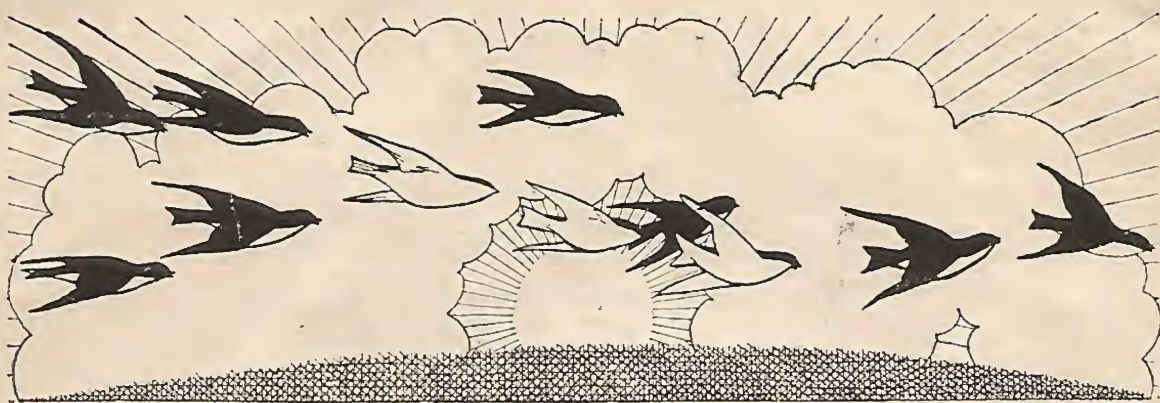
— Mamãe, a senhora pensou que eu não fiquei zangada com Adriano por ele ter quebrado meu cachimbo, mas eu fiquei. Passei um pedacinho dificil para não mostrar a raiva que eu tinha. Mas não queria que ele ficasse sentido e enguli as palavras feias que vinham à minha boca.

A mamãe sorriu para a filhinha.

— Isso é ainda melhor do que não ficar zangada, Stela, ela disse. Estou satisfeita porque você controlou sua raiva. Foi bom que me contou isso.

Naquele momento Adriano chegou correndo.

— Olhe aquí, ele disse, entregando a Stela um pacotinho. E' um cachimbo novo. Você foi tão boazinha não se zangando comigo por eu ter sido descuidado, que pedi a mamãe se podia tirar dinheiro do meu cofre e comprar outro cachimbo. Ela disse que sim. Corri o mais depressa que pude à loja e comprei este. Stela, gostei de você não zangar comigo.

Stela, então, estava bem contente porque tinha abafado a raiva, apesar de ter sido difícil.

A Ponte Invencivel

O Snr. Rafael, tio de Agenor, tinha voltado da Africa. Quando estava na Africa construia pontes ; mas quando estava em casa, só andava pela vila e pelo campo e falava com muita gente ; às vezes êle chamava Agenor para sair consigo, como nessa manhã.

Enquanto caminhavam pelas campinas verdes, Agenor ficava entusiasmado com as histórias que o tio Rafael sabia contar, das selvas, de animais bravios, de homens selvagens e da aventura de construir pontes. Faziam Agenor ter o desejo de ir e vêr tudo por si mesmo.

— Já caiu na agua, quando estava construindo uma ponte, tio Rafael ? perguntou Agenor.

— Oh, sim, o tio replicou, e não é agradavel ter jacarés e crocodilos no banho com a gente. A's vezes nos confundem com o sabão.

Agenor riu e o tio tirou uma pequena fotografia da sua carteira.

— Este é o retrato de uma ponte onde levei um tombo.

Agenor olhou-a cuidadosamente. Podiam-se vêr as traves compridas, vindas de cada margem do rio para se encontrarem. Havia apenas um pequeno espaço entre elas, na fotografia, e homens trabalhando em cima das pontas do arco incompleto.

— Deve ser muito interessante quando as duas pontas começam a se encontrar no meio, disse Agenor. Elas sempre se ajustam exatamente direito ?

— Sim ; elas nunca estão muito longe disso, o tio Rafael respondeu. Porém, as mais interessantes de fazer são as pontes de aço, construidas sobre pilares. A's vezes ha uma grande chuva, longe nas montanhas, e não se sabe nada disso até que o rio cresça de repente. A' tarde é apenas um rio calmo e manso ; mas de manhã póde ser uma torrente impetuosa. A agua arremessa grandes massas de arbustos e pedaços de madeira contra os pilares ; se a ponte estiver bem construida, sobre fortes alicerces, póde-se agitar e ranger, mas é só isso. Porém, se não estiver bem construida, sobre alguma coisa sólida, sacode-se, abala-se e estala ; então, de repente, há um estrondo — e lá se vai, com o fragor de madeira quebrada, despenhando-se abaixo nas aguas escuras. E' um espetáculo terrivel !

— Alguma das suas pontes já se quebrou, titio ? Agenor perguntou.

— Não, que eu saiba, respondeu o construtor de pontes, mas certa vez, uma quasi quebrou.

Agenor farejou uma boa história e esperou sem falar.

— Foi num lugar muito difícil, ao pé de um abismo bem fundo e escuro. A ponte estava quasi acabada e estavamos contentes porque era uma das mais dificeis que tinhamos tido para erguer. Estava fixa nas rochas sólidas, dos dois lados, não muito acima do nivel da agua ; mas depois de diversas tentativas fracassadas, conseguimos fazê-la. Então, uma noite, o rio cresceu de repente. Subiu, subiu até atingir a maior altura na memória dos moradores do lugar. Era um espetáculo medonho e o rugir da torrente e o estalar da madeira faziam tamanha bulha que não nos podiamos ouvir, uns aos outros. As aguas continuaram a subir até desaparecer de vista a ponte. No fim do terceiro dia, tristemente voltámos para nossas tendas na escuridão, desanimadissimos, pois nenhuma ponte poderia suportar aquela violencia. Tanto trabalho para nada !

Então, bem cedo de manhã, um dos homens levantou-se para ver se a enchente tinha acalmado. Ele olhou — depois deu um grito forte ! Todos pulámos para ver o que tinha acontecido, e — maravilha ! — lá estava a ponte, firme e segura !

— Viva ! disse Agenor. Deve ser horrivel ver uma ponte estragada.

— Fico arrepiado ao vê-la, disse o tio Rafael. Faz-me pensar em outra especie de ponte estragada.

— Que especie ? Agenor perguntou.

— Amizades, disse o tio. A amizade é uma ponte maravilhosa entre duas pessoas. O amor e a amizade são as pontes que Deus está sempre construindo através de nossas separações. Ele é o grande Construtor de Pontes, e estou procurando aprender com Ele como fazê-las. Porém, as torrentes violentas do máu genio e das brigas levantam-se contra as nossas pontes tão repentinamente, que elas caem, se não estiverem construidas sobre uma base firme.

Andaram um pouco em silencio; então o tio Rafael falou de novo :

— A maior e a melhor ponte que Deus construiu é a que atravessa o abismo profundo a que chamamos Morte. Nunca tenha medo da morte, meu homenzinho, disse o tio Rafael, porque agora não ha nada para se temer. A ponte de Deus provou ser segura. Ninguem jamais pensou que seria possivel ela suportar o embate, mas, num dia de Páscoa, a enchente subiu mais do que nunca antes, e por tres dias a ponte ficou submersa e as violentas enxurradas passavam sobre ela. Porém, bem cedo de manhã, alguem levantou-se para ver o lugar e, maravilha, lá estava a Ponte do Amor Eterno de Deus, de pé, firme e triunfante sobre as enchentes da Morte! E ainda hoje está de pé, firme — a Ponte Invencivel.

A Cesta de Coelho Graúdo

Eram uma vez uns coelhinhos que viviam com a mãe e o pai numa casa bonitinha, num buraco, no campo. Tinham uns olhitos como gotas de melado, orelhas em pé, forradas de côr de rosa, e rabinhos que pareciam pompons pardos. Traziam o nariz sempre virado para cima, cheirando coisas boas.

A casa era de dois andares. Na parte de cima havia duas chaminés. Uma era a chaminé mesmo do fogão, por onde saia a fumaça ; a outra era uma chaminé de fungação, por onde o pai trepava, para cheirar lá em cima coisas gostosas, boas idéias e tambem perigo.

Certa tarde toda a familia estava jantando cenoura com mel. Mestre Fungão acabou primeiro. Então ele disse para as seis carinhas fôfas em volta da mesa :

— Agora, vou subir pela chaminé de fungação e cheirar um pouco a zona.

— Está bem, disse D.ª Fungona. Não vá bater a cabeça.

A's vezes Mestre Fungão não tomava cuidado e batia a cabeça no batente da portinha do sótão.

E lá se foi ele *tuc-tac-tuc-tac*, subindo a escadinha íngreme. Chegando ao alto, empurrou a tampa da chaminé e pôs a cabeça de fóra.

— Está cheirando perigo, papai? perguntaram juntos, Zás e Trás, os dois gêmeos, com uma vontadezinha de ver perigo.

— Não ! gritou Mestre Fungão.

— Está cheirando idéias boas ? perguntaram Sara e Cura, as gêmeas.

— Não.

— Está sentindo um cheiro novo ? perguntou Zip, o nené.

— E' isso, disse Mestre Fungão. Vem vindo gente.

— Quem vem vindo, papai ? Quem ? perguntaram todas as crianças.

— Ainda não posso dizer. Ele está muito longe, no alto do morro.

— Fique espiando, papai — fique espiando !

Mestre Fungão esperou. Um minuto depois disse :

— Lá vem ele, como uma bala pelo morro.

— Quem, papai ? *Quem?* gritaram em côro os Fungõezinhos.

— Nosso primo Coelho Graúdo. Ele vem vindo com a cesta amarela.

— O que ha dentro da cesta amarela ?

— Ovos da Páscoa, disse Mestre Fungão. Uns ovos bem bonitos e gostosos. Ele é um dos ajudantes do Coelho da Páscoa. Mas esses

ovos são para os meninos e meninas da Terra de Gente, e não para coelhinhos como vocês.

— Ah-h-h !

Os filhinhos de Mestre Fungão estavam tristes.

— Mas ao menos podemos espiá-los, cochicharam eles entre si.

D. Fungona disse :

— Preciso já arrumar a cama no quartinho de hóspedes do sótão, porque decerto primo Graúdo vai passar a noite aqui.

— Nós vamos tirar a mesa, disseram os Fungõezinhos.

— E eu vou acender um belo fogo, disse Mestre Fungão.

Então foi aquela correria pela casa e quando eles ouviram um arranhão forte na porta, já tudo estava prontinho.

Mestre Fungão abriu a porta. Era mesmo o Coelho Graúdo. Era alto e simpático. Tinha um casaco elegante, um boné amarelo e uma cesta grande, amarela.

— Entre, disseram juntos todos os Fungões. Entre ; venha tomar uma sopa quente e passe a noite conosco !

Primo Graúdo pulou dentro de casa e pôs a cesta a um canto da chaminé. A tampa estava fechada forte.

— Muito obrigado, caros primos, disse Coelho Graúdo, aquecendo as patas compridas ao fogo. Esta sopa parece deliciosa.

— Depois da sopa, decerto ele nos mostra os ovos, cochicharam os coelhinhos entre si.

Todos se sentaram ao redor do hóspede, enquanto este tomava a sopa. Ele estava com fome ; D. Fungona encheu tres vezes a tigela azul. Então Coelho Graúdo disse :

— Não reparem, mas eu preciso ir cedo para a cama. Tenho de andar muito amanhã, com a cesta amarela.

— Não faça cerimonia, disse D. Fungona. Nós tambem vamos para a cama logo que lavarmos a louça.

Então houve nova correria. Os Fungõezinhos derramaram agua quente nos pratos, depois de os lavarem com sabão, e os enxugaram. Mestre Fungão e primo Graúdo conversavam ao pé do fogo.

— Antes de ele ir para a cama, decerto vai mostrar-nos o que está dentro da cesta amarela, os coelhinhos cochicharam ao ouvido da mãe.

— Mas se ele não mostrar, não peçam, avisou D. Fungona.

Afinal a ultima tigela azul foi posta no armário. Era hora de irem para cima. D. Fungona acendeu sete velas e mais uma do castiçal de prata, que era só para as visitas.

— Todas as noites fazemos uma procissão na hora de ir para a cama, ela explicou ao primo Graúdo.

— Muito bem, disse Coelho Graúdo. E eu vou levar a minha cesta amarela para cima.

"Quem sabe ele vai mostrar-nos os ovos lá em cima", pensaram os coelhinhos.

Então todos foram pulando escada acima — primeiro D. Fungona ; depois o hóspede com o castiçal de prata e a cesta amarela, depois Mestre Fungão, depois os cinco coelhinhos. Era mesmo uma procissão importante.

— Este é o seu quarto, disse D. Fungona, abrindo uma portinha. Espero que passe bem a noite.

— Vou dormir como uma pedra, disse primo Graúdo, procurando passar a cesta pela porta.

Mas a cesta era muito larga e a porta não dava para ela passar.

— Então vou deixá-la aqui no patamar da escada, disse primo Graúdo. Muito boa-noite para todos, caros primos.

— Boa-noite !

— Boa-noite !

A porta foi trancada. Os coelhinhos olharam tristes para a mãe.

— Ele não nos mostrou os ovos, cochicharam.

— Quem sabe amanhã ele vai mostrar. Agora, já para a cama !

Logo todas as velas estavam apagadas.

Mas os Fungõezinhos não podiam dormir. Ficaram nas suas caminhas, suspirando e cochichando. Estavam só pensando naquela cesta, no patamar da escada. Pouco depois Zip disse :

— Vamos levantar, acender a minha velinha e espiar os ovos.

— Não, Zip — isso não ! disseram os outros.

Mas quanto mais pensavam naquilo, mais queriam ir ; e quanto mais queriam ir, mais mexiam na cama e suspiravam. E sem saber como, eles já estavam no patamar da escada, de pijaminhas, com a vela de Zip.

Mestre Fungão e D. Fungona estavam ferrados no sôno — isso os coelhinhos sabiam pelo barulho da respiração. Quanto ao primo Graúdo, sua porta estava bem fechada.

Então eles ergueram a tampa da cesta amarela.

E era mesmo — ali estavam os ovos de chocolate, alguns vermelhos, outros verdes, outros com flores pintadas na casca. Que cheiro delicioso vinha deles! Os coelhinhos ficaram inclinados sobre a cesta, cheirando, cheirando, cheirando.

Mas — que horror ! — eles se debruçaram muito, e não sei como a cesta virou ! Os ovos começaram a rodar pela escada — *téc-téc-téc* — como uma cascata de nózes. Foi um barulho tão forte que despertou toda a casa.

— O que é isso ? gritou Mestre Fungão, de sua cama.

— O que é isso ? gritou D. Fungona, tambem da cama.

No quartinho de hóspede, primo Graúdo gritou da cama :

— Mas que será isso, gentes !

E todos vieram correndo. No patamar estavam os cinco coelhinhos em volta da cesta amarela.

— O que vocês estão fazendo aqui ? perguntou o papai.

— Nós — nós só queriamos — ver os ovos, disseram os coelhinhos, de orelhas caidas, de tanta vergonha.

Eles estavam tão envergonhados que primo Graúdo ficou com pena e disse :

— Não foi nada. Naturalmente que eles queriam ver ! Mas os ovos são duros. Penso que não se quebraram.

— Nós vamos já apanhá-los, disseram os coelhinhos.

E eles foram mesmo. Quando todos os ovos estavam outra vez na cesta, Mestre Fungão disse :

— E agora, o que vocês merecem por ter feito esse desastre ?

Os coelhinhos ficaram pensando. Então Zás disse :

— Nós fizemos uma coisa feia para o primo Graúdo, esta noite. Amanhã, vamos fazer uma coisa bonita para ele. Vamos juntos uma parte do caminho, ajudando a carregar os ovos.

— Eles podem ir ? perguntou o papai para D. Fungona.

— Podem. Podem ir até o coqueiro alto.

Assim, na manhã seguinte saiu uma procissão de coelhinhos — primeiro vinha o Coelho Graúdo, com a cesta amarela cheia pelo meio, depois os Fungõezinhos, carregando o resto dos ovos num saco, na chaleira, no tachinho, na cesta de papeis e até numa meia riscada de vermelho.

Mestre Fungão subiu ao alto da chaminé para os vigiar.

— Agora eles já atravessaram a estrada ! gritava para baixo. Agora chegaram ao coqueiro alto. Agora Coelho Graúdo vai sòzinho, com a cesta carregada, como uma bala, e os nossos filhinhos vêm pulando de volta, com o saco, a chaleira, o tachinho, a cesta de papeis e a meia riscada de vermelho.

O Bilhete Misterioso

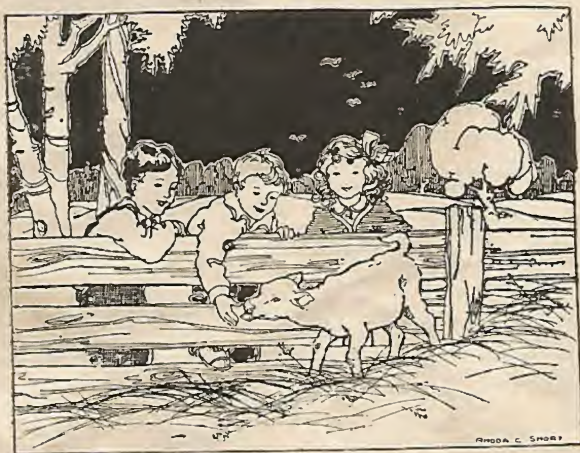
Tinham-se acabado as ferias deliciosas de Rosita, na fazenda do vovô. Adeus leite quente na mangueira, passeios na garupa do Tupí, banhos no córrego! Rosita quasi chorava só em pensar em ir embora.

Para consolar um pouco, a mamãe tinha arranjado para voltarem no vapor. Quando embarcaram, os apitos do vapor, as risadas e o movimento do pessoal no cáis afastaram um pouco a tristeza de Rosita. Na hora da despedida o vovô deu para a menina um papelzinho dobrado e disse :

— Isto é um segredo, Rosita. Ponha-o em prática até nos vermos de novo.

Os olhos de Rosita brilharam enquanto ela metia depressa o papel na bolsinha vermelha.

Assim que ficou só, Rosita abriu-o e leu. Mas quanto mais lia, mais admirada ficava. Que queria o vovô dizer com aquilo ?

Cada dia que se passa,
você faça
como se fosse um feriado.
Vai ver ternura e alegria
de todo o lado.

Rosita ficou pensando naquilo. Como é que a gente podia fazer de um dia qualquer um feriado ?

O pessoal a bordo era alegre. Havia jogos, diversões e natação. Rosita e a mãe tomavam parte em tudo. Mas mesmo assim esta reparou que Rosita ficava às vezes muito calada.

— Você está triste, Rosita ? perguntou-lhe a mamãe. Fica às vezes tão quieta! Conte-me o que ha.

Quando a mamãe leu o bilhete do vovô, comprehendeu a preocupação de Rosita. Então disse rindo :

— Uma coisa eu sei, e é que o vovô nem imaginou que este segredinho ia preocupá-la tanto. Pois hoje não foi feriado e pense só em como nos divertimos de manhã. Diga-me agora, Rosita, o que você sente desde cedo num dia feriado ?

— Ora, replicou Rosita, isso é facil. Eu sinto vontade de cantar, dansar, ser amavel para todos e ajudar a mamãe. Eu tenho verdadeira alegria de viver.

— E' isso mesmo, disse a mamãe, sorrindo.

Então Rosita bateu palmas de satisfação.

— Já sei ! ela exclamou. O vovô queria dizer que se eu fosse alegre cada dia, todos êles virariam em feriados !

— Justamente, falou a mamãe.

O Cabritinho Divertido

Capitulo VI

A CIDADE SUBTERRANEA

Diji correu para pedir que o pai o ajudasse a tirar Zem, o cabritinho preto. O lugar onde Zem tinha caido era uma cidade subterranea.

Enquanto o Sheik Beni-Nef caminhava, ria-se dizendo :

— Então, filho, eu não te disse que havia casas neste vale ? Mas pensei que serias tu quem as descobririas, e não o cabritinho. Antigamente mil pessoas viviam aqui mesmo. Quando, ha muitos anos, uma grande guerra assolou esta região, os habitantes deste vale mudaram-se destas casas subterraneas que tinham construido.

Acompanhado de Diji, o Sheik, que carregava uma tocha acesa, entrou na cavidade em que Zem desaparecera. Aquele tunel escuro e íngreme era a entrada de um grupo de casas subterraneas. No decorrer dele, aqui e ali ramificava-se em forma de pequenos cômodos. O Sheik explicou que eram os estábulos onde se abrigavam cabras, camelos e jumentos.

O tunel descia mais e por fim terminava num grande páteo circular. Este, a descoberto, fôra cavado na terra a uns dez metros de profundidade por trinta e cinco de diâmetro. No fundo desse grande fosso foram abertos na parede arcos com fachada de pedra. As portas feitas de palmeiras, que um dia os fecharam, tinham-se apodrecido com o tempo. Através das arcadas Diji podia ver quão espaçosos eram os quartos subterraneos em volta do páteo.

Eis que, de repente, com um ruido seco de pequenos cascos, uma criatura saiu pulando de um dos aposentos. Era o cabritinho perdido. Ele ficou muito contente ao ver seu dono, que descera naquele buraco à sua procura.

Zem ficou ao pé de Diji todo o caminho de volta, pelo tunel, e lá fóra no vale plano. Então o cabritinho deu uns coices de alegria e foi mordiscar a grama, como se fosse de pouca monta o acidente de cair numa cidade subterranea.

Nas semanas seguintes Diji e seus amigos Isra e Kali visitaram muitas vezes aqueles aposentos subterraneos. Num deles descobriram figuras originais gravadas nas paredes, coloridas de azul e vermelho. Aqui e alí nos outros quartos havia objetos deixados pelos antigos moradores — uma grande talha, uma esteira de junco que de tão velha se desfazia em pedaços ao menor toque. O resultado de outra expedição foi a descoberta de uma fivela de arreio e um jarro de pedras lindas. Certo dia, num quartinho dos fundos, a luz da tocha de Diji brilhou sobre uma caixinha de madeira embutida em bandas de metal. Abrindo-a, os meninos encontraram um punhado de moedas de ouro.

Zem, que tinha saracoteado por alí, interessou-se pela descoberta e mastigou uma moeda. Porém, *Bée-eé!*, no que lhe dizia respeito aquilo não valia nada, nem tinha ponto de comparação com os tenros rebentos de murta! Porisso, com um espanejar do rabinho, Zem disparou de volta para o páteo.

Então sucedeu uma terrivel calamidade. Um bloco do teto de terra daquele quartinho desabou na frente dos tres rapazes. Apagou-se a tocha. A escuridão seria completa, se não fosse uma estreita faixa de luz que entrava no alto da barreira de terra. Ainda que assustados, os tres meninos eram corajosos. Eles abririam caminho por alí! Puseram-se a raspar a terra com as mãos até ficarem trêmulos com tamanho esforço. E quanto mais cavavam, mais terra caía que os bloqueava. Talvez tivessem de ficar alí para sempre.

Diji sentiu um nó na garganta.

Então, através do paredão de terra, êle ouviu um balido conhecido. O rapaz pôs-se na ponta dos pés, de forma que sua boca ficasse o mais perto possivel da fresta no alto da barreira.

— Zem! Diji chamou, Zem! — vá para casa e traga socorro!

E Diji repetiu isso diversas vezes. O esforço desesperado dos tres rapazes não poderia tirá-los de lá. Afinal êles se deitaram por terra, exhaustos. Era tão escasso o ar que passava pela fresta que começaram a sentir a cabeça pesada e em breve adormeceram.

Despertaram-se com uns ruidos do outro lado da prisão. Eram os *tchéc-tchéc* alviçareiros das enxadas cavando o bloco de terra! Por fim foi aberto um tunel estreito.

— Cuidado! Passem por cá devagar para evitar outro desabamento! avisou o Sheik Beni-Nef.

Um por um os rapazes foram de rojo pela abertura. Enfim, o mundo aberto e o ar fresco! No grande páteo da velha cidade subterranea estava reunida a maioria dos homens da tribu. Com um brado de alegria êles saudaram a chegada do ultimo rapaz.

Zem estava perto do Sheik Beni-Nef. O chefe da tribu curvou-se e fez-lhe agrados, dizendo:

— O cabritinho preto veiu à nossa tenda. Baliu, escarvou a terra e não nos deixou em paz enquanto não o seguimos. E ele nos levou direito ao lugar onde a barreira tinha aprisionado os nossos tres meninos. Palavra que este cabritinho é mesmo do outro mundo!

(continúa)

Carrapichos

Marta puxou a prima Nora pelo vestido.

— Já são tres horas, ela disse. A prima prometeu que às tres horas me mostraria algumas coisas que costumava fazer quando era pequena.

A prima Nora sorriu, descansando o livro sobre a mesa. Depois pegou numa cesta e estendeu a outra mão para Marta.

— Venha; antes de tudo precisamos dar um passeio.

— Mas, prima Nora, aquí é o pasto grande; não vejo nada que valha a pena, Marta falou, admirada à medida que iam andando.

— Não vê? disse rindo a prima Nora. Pois espere só um pouco.

Ela se encaminhou para uma moita alta e disse:

— São carrapichos. Cuidado com os dedos e o vestido, mas ajude-me a apanhar uma porção deles.

Marta e a prima Nora estiveram ocupadas por mais de uma hora; quando encheram a cesta, voltaram. No puxado da casa a prima Nora encontrou um caixotinho.

— Isto vai ser o quarto, ela disse. Agora precisamos fazer alguma mobilia para as bonecas que vão morar dentro dele.

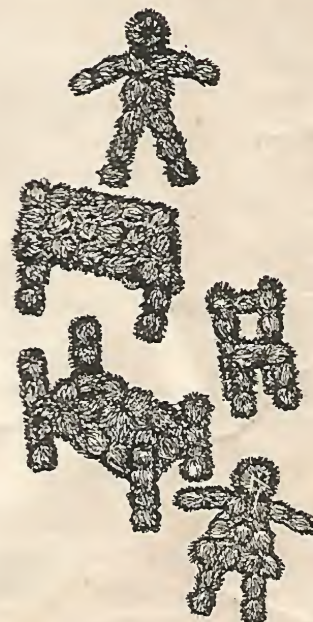
Então mostrou a Marta como juntar os carrapichos e fazer mesa, cadeira e cama. Quando acharam que já havia mobilia suficiente, fizeram algumas bonecas de carrapicho.

—Podemos tambem fazer uma cesta, disse a prima Nora.

Ela mostrou a Marta como se fazia uma esteira pequena para o fundo da cesta e como armar depois os lados e uma alça.

— Isto serve para se pôr doce, ela disse. Você póde enche-la e dá-la de presente a Neusa. Convide-a depois para vir aqui brincar com as bonecas e a mobilia de carrapicho.

— Creio que a prima Nora se divertia muito quando era pequena, Marta comentou. Brincava sempre com essas bonecas de carrapicho?

— Não, respondeu a prima Nora. Eles só servem para isso enquanto estão verdes. Quando secam, cáem aos pedaços. Carrapichos divertem a gente porque é facil desmanchar o que está feito e armar coisas novas com eles.

Lua-Nova, das montanhas

Lua-Nova descia o morro com cuidado. Ele era um chinezinho que tinha nascido nas montanhas e vinha pouco ao vale. Era a primeira vez que descia sòzinho.

Trazia ao ômbro um pauzinho com uma trouxa na ponta, contendo sua roupa de cama, um terninho, uma bacia e uma escova de dentes. Com a mão direita Lua-Nova segurava o pauzinho e com a esquerda um cartão.

— Olá, Luazinha-Nova! chamou um simpático *cule* (carregador) que estava sentado, descansando. O homem não conhecia o menino, mas tinha adivinhado seu nome pela lua-nova no alto de sua cabeça. Muitos meninos chinêses, hoje em dia, cortam o cabelo como os ocidentais, mas a moda antiga era passar a navalha em parte da cabeça, deixando um tufo de cabelo com certa forma. A mãe de Lua-Nova, que vivia nas montanhas, não sabia nada das últimas modas e raspou a cabeça de seu filho deixando a forma de uma lua nova, donde lhe veiu o nome.

Lua-Nova parou diante do carregador. Ele tambem estava cansado e ficou contente de poder conversar com alguem. Olhou com simpatia para o desconhecido, ao ouvir seu nome.

— Você me parece bem pequeno para viajar sòzinho, disse o *cule*, sorrindo. Vai muito longe ?

— Tenho oito anos e meio, respondeu orgulhosamente Lua-Nova, e mamãe disse que eu não podia perder-me, porque é só ir descendo este morro até chegar lá.

— Chegar aonde ? perguntou o *cule*.

— Pois eu vou indo a Kin-kang, respondeu Lua-Nova. (Kin-kang era uma cidade ao pé das montanhas). Vou para a escola lá. Tenho um cartão que me deixa entrar. Quer vêr ?

Ele mostrou um postal gasto pelo uso. Num dos lados havia o retrato de uma escola chinêsa e do outro algumas palavras escritas em chinês. O *cule* olhou com curiosidade, mas sem entender.

— Não sei lêr, ele disse, devolvendo o cartão.

— Nem eu, replicou Lua-Nova, a rir, mas sei o que diz.

O menino segurou o cartão com as duas mãos e ficou teso, como se estivesse recitando uma lição.

— Ele diz : *Deixai os meninos e não os impeçais de virem.*

—Está bem, eu não vou impedí-lo e nem você me impedirá, disse o *cule*, erguendo a sua carga. Com estas pernas compridas ando mais depressa que você com as suas, curtinhas. Paz pelo caminho.

E lá se foi ele, gingando morro abaixo, ao passo que Lua-Nova erguia de novo sua trouxinha, guardando com cuidado o cartão num dos bolsos internos. Ele quís alcançar o *cule*, mas logo viu que não podia. Então diminuiu a marcha e foi mais a gosto. Enquanto ia caminhando, pensava no missionário que visitara seu casebre quando ele era uma criancinha e deixara aquele cartão.

Lua-Nova ouviu muitas vezes tudo que sua mãe lembrava das palavras do missionário a respeito do Pai Celestial e seu amor para com as crianças. O versículo no cartão era : *Deixai os meninos, e não os impeçais de virem a mim ; porque dos tais é o reino dos céus.* Como ninguém na familia de Lua-Nova soubesse lêr, êles lembravam apenas o sentido geral do versículo, que recitavam como Lua-Nova para o *cule : Deixai os meninos e não os impeçais de virem.* Ensinaram Lua-Nova a pronunciar essas palavras desde que era pequenino.

Por causa da gravura da escola no cartão, o chinêzinho e sua mãe sempre entenderam que aquelas palavras queriam dizer que Lua-Nova podia ir para uma escola missionária logo que tivesse idade. A única que eles conheciam era aquela de Kin-kang, para a qual Lua-Nova estava de caminho.

A estrada para a cidade foi facil achar. A's portas de Kin-kang, Lua-Nova perguntou onde ficava a escola e dentro de pouco tempo estava em frente de seus portões.

— Eu vim, ele disse, inclinando-se cortêsmente para o velho porteiro que o recebeu.

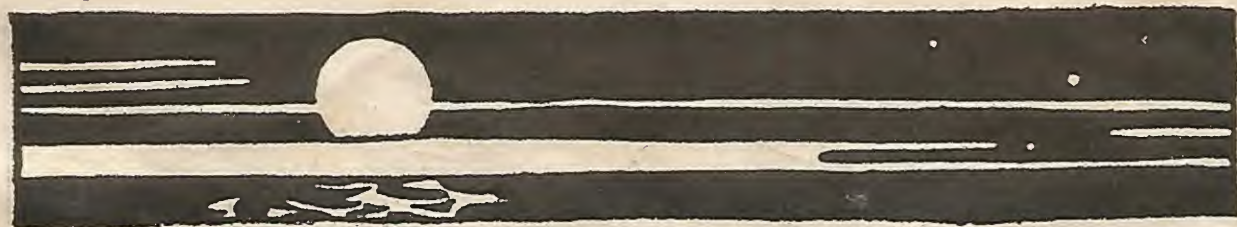
— Estou vendo, disse o velho. Quem é você e para que veiu ?

—Eu sou Lua-Nova, das montanhas, respondeu a criança, e vim para me educar. Hei de estudar e trabalhar bastante.

O velho levou Lua-Nova ao diretor da escola, o qual ouviu sua história e examinou o cartão. Ele não disse ao chinêzinho que o verso bíblico no cartão não era um convite para vir à escola. Os alunos em geral pagavam suas taxas, mas alguns podiam entrar gratuitamente. O diretor viu que a mãe de Lua-Nova o tinha educado tão bem que valia a pena instruir aquele menino.

Assim, Lua-Nova conseguiu lugar na escola. Deram-lhe uma cama e lugar para guardar suas coisas num dormitório grande, junto com muitos outros meninos. Ia para as aulas bem limpinho e estudava muito. Todos os outros meninos usavam o cabelo simplesmente cortado, sem figuras na cabeça ; porisso Lua-Nova tambem deixou o seu crescer.

Depois que aprendeu a lêr, êle descobriu que as palavras de seu cartão, *Deixai os meninos virem a mim,* eram de Jesus.

— Como foi bom eu ter vindo ! disse Lua-Nova.

Foi só no principio

No começo do verão o pai e a mãe de Danilo tinham-se mudado para um sitio. Agora Danilo ia frequentar a escolinha rural.

Danilo estava pensando que tal seria ela. Tinha gostado do Grupo, na cidade. Ia achar falta no guarda-civil amavel, que sempre o ajudava a atravessar a rua, e sentir saudades dos coleguinhas.

Naquele dia Danilo ficou no terreiro, como lhe tinham ordenado. Então passou pelo sitio uma jardineira verde, que êle tomou. Dentro havia outros meninos, mas só um parecia da sua idade. Ele estava num canto, intimidado. Danilo não lhe falou porque não sabia o que dizer e tambem porque estava distraído, pensando nos amiguinhos da cidade.

Danilo sentou-se bem aprumado. Mas como eram duros aqueles bancos de madeira e como pulava a jardineira!

A velha condução ia pela estrada, parando a cada passo para pegar outras crianças; mas Danilo nem reparava nelas. Ele olhava pela janela, desejoso por que terminasse logo a viagem. Não estava gostando nada dos trancos que dava a jardineira pela estrada acidentada. Como iria aguentar aquilo todos os dias?

Num balanço mais forte, a cestinha de Danilo abriu-se e sua laranja rolou pelo chão. Uma menina num dos bancos da frente ergueu a fruta, que devolveu ao menino.

Danilo ficou contente ao chegar à escola rural, de tijolos vermelhos; mas, exquisito, êle nem sabia correr como as outras crianças sobre o capim. Ficou de lado, triste, enquanto os meninos brincavam e riam.

Danilo sabia que em casa seu pai ia perguntar-lhe se tinha gostado do passeio de jardineira e da nova escola. E que ia êle dizer? Não tinha gostado nada da jardineira. Era outra coisa caminhar pelos passeios da cidade e atravessar a rua com o auxilio de um guarda-civil amigo! Mas não podia dizer isso ao pai, que tinha de viver no campo para recuperar a saúde e ficar outra vez forte. Danilo e sua mãe nunca falavam ao papai que não estavam gostando disto ou daquilo do sitio.

A professora e as crianças da escola procuraram ser amaveis para Danilo, mas êle mal lhes dava atenção. Só pensava nos trancos da viagem de volta e no que ia dizer em casa.

Mas quando chegou em casa, nem a mamãe nem o papai lhe perguntaram nada, porque êles disseram, rindo, que era muito cedo para Danilo saber se gostava ou não da escola.

No dia seguinte Danilo pediu:

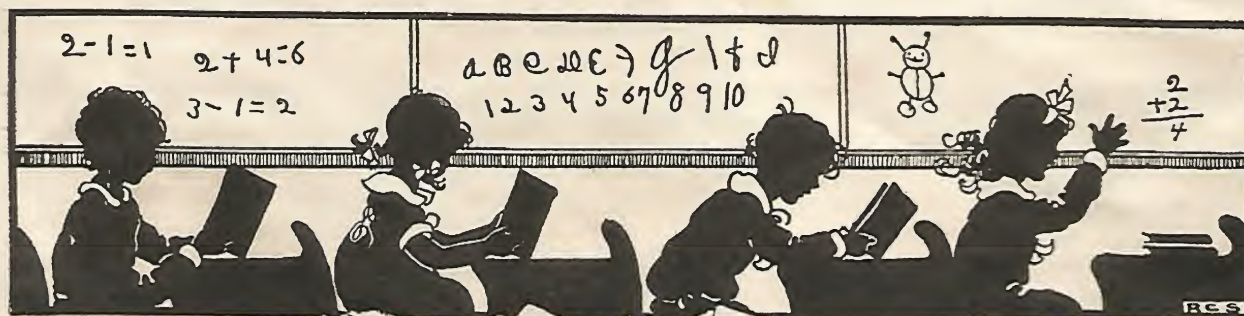
— Mamãe, eu queria que pusesse duas laranjas na minha cesta — uma para a menina que apanhou ôntem a minha.

Nesse dia Danilo reparou nas crianças que iam entrando na jardineira. Elas sorriram para êle; Danilo correspondeu sorrindo tambem. A menina da véspera esperava a jardineira no fim de uma estrada comprida. Danilo olhou para trás para guardar o lugar onde ela morava.

— Obrigada, disse a menina quando Danilo lhe deu a laranja.

Depois ela contou a Danilo chamar-se Joaninha e ter dois primos que iam tomar a jardineira adiante. Danilo e Joaninha ficaram esperando por eles.

Os priminhos entraram. Chamavam-se Tila e Zéca, este da idade de Danilo e Joaninha.

As quatro crianças começaram a prosear com tanta animação que Danilo esqueceu a

estrada e os abalos da jardineira. Num instante chegaram à escola.

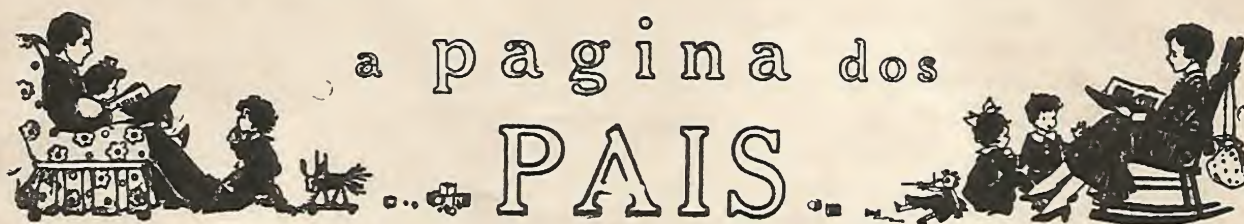
Aquele dia foi muito melhor para Danilo. No recreio êle brincou com os novos amiguinhos. De tarde, falou com Eduardo, o menino tímido em quem tinha reparado na véspera, e Eduardo perdeu o acanhamento e proseou.

No fim da semana o papai chamou Danilo e disse :

— Agora já é tempo de você dizer se está gostando da escola. Que tal, Danilo?

Danilo sorriu com franqueza.

— Eu gosto dela, papai, respondeu. E' diferente do Grupo, e eu acho falta no guarda-civil, mas é boa tambem. E o que mais me agrada é viajar na jardineira. O senhor não sabe como é divertido esperar os colegas pelo caminho e dizer-lhes adeus na volta.

E Danilo quasi riu, pensando como tinha-se aborrecido na primeira viagem em jardineira. Isso tinha sido no principio, antes de êle procurar ser comunicativo. Agora gostava da estrada acidentada. E até a jardineira trotona parecia-lhe uma amiga divertida.

PERGUNTAS SUGESTIVAS

Dizeis "não" sem motivo algum? Ponde vosso filho na cama como punição? Falais sobre a comida dele, na sua presença, "Joãozinho não gosta disto"?

Fazei-lo atuar em publico para vossos hóspedes? Tirai-lo do seu brinquedo para dizer "Como vai a senhora?" a D. Julia? Obrigai-lo a brincar sempre na rua porque ele faz reboliço na casa? Conservai-lo fóra do quintal porque ele estraga as plantas?

Acarinhai-lo como a um nené porque ele é delicado? Não o deixais praticar esportes por medo que ele se magôe? Castigai-lo tanto que ele se instintivamente esquiva o corpo quando ergueis a mão?

Interferis em querelas da vizinhança? Quando o fazeis, costumais pressupôr que o vosso filho está com a razão?

Permitis que ele espanque os animais domesticos ao ponto de estes fugirem à sua aproximação? Dizei-lhe com frequencia que as crianças são uma responsabilidade?

Arrancai-lo dos seus jogos sem aviso prévio de cinco minutos? Fazeis comparações odiosas entre vosso filho e outra criança em lugares públicos?

Prescindis do seu auxilio na cozinha por ser mais dificil ensinar de que fazerdes o serviço? Contais suas confidencias a amigos, na hora do jantar? Transformais o seu quarto em depósito de quinquilharias? Rides de sua ambição, quando ele quer ser domador de circo? Dissimulais e afastai-lo de vós quando vos faz perguntas acerca do sexo?

Permitis que ele não faça a cama e outras tarefas domésticas porque não sáem a vosso gosto? Criticais seus modos à mesa em quasi todas as refeições? Desencorajai-lo de trazer em casa seus amigos? Mostrais enfado ou recusais ouvir as narrativas triviais de "o que aconteceu hoje"?

Enviai-lo a recados e fazei-lo voltar por causa de alguma coisa que tinheis esquecido, quando com pequeno esforço mental uma viagem teria bastado? Permitis que vosso filho insista sobre alguma coisa depois de haverdes dito "não"? Dais a vosso filho o dinheiro para suas despesas extras, ao envez de possibilitardes para ele o ganho de ao menos parte disso? Exigis perfeição em vez de aceitardes o esforço honesto?

Relembrais ao vosso filho as faltas cometidas ante-ôntem e trás-ante-ôntem? Insistis com ele para dizer "boa-noite à senhora", beijar o tio Joaquim e fazer outras coisas sem importancia e contra o seu agrado? Desencorajais suas atividades, tais como colecionar tampas de garrafas de leite ou fabricar um radio, porque promovem desordens na casa? Reservais diariamente um pouco de tempo que seja, durante o qual não exigis nada dele?

apesar dos pesares

DE LAVRADOR A FAMOSO NATURALISTA

Uma tarde, na cidade de Dunbar, Escocia, um menino muito agitado corria pelas ruas gritando aos colegas :

— Vou para a America amanhã !

E como houvesse quem duvidasse, acrescentava :

— Pois vão ver amanhã se eu vou para a escola !

O rapaz era John Muir. Aquela tarde, quando ele e o irmão David sentaram-se ao pé do fogo para estudar suas lições, o pai pôs-se a andar e dizer :

— Meninos, não precisam estudar suas lições esta noite porque amanhã vamos para a America.

Os meninos ficaram loucos de alegria. Até o sentimento natural de tristeza de se separarem dos avós, a quem amavam profundamente, foi depressa sufocado diante dos planos de vida que projetavam realizar no outro lado dos mares. O Snr. Muir decidiu levar consigo John, de onze anos, David, de nove, e Sara, de treze. A Snra. Muir e mais quatro meninos ficariam na Escocia até que o novo lar estivesse com condições de os receber.

Depois de uma viagem de quasi sete semanas em navio a vela, os imigrantes chegaram à America e dirigiram-se imediatamente para o pedaço de terra que lhes fôra doado pelo governo, em Wisconsin. Com auxilio de uns vizinhos e tendo à mão material pronto para as paredes e o teto, o Snr. Muir construiu uma cabana em menos de um dia.

Desde o principio John Muir ficou apaixonado pelo lugar. O mato exercia sobre êle um encanto todo especial. Com delicia observava os passaros, animais, arvores, flores, correntezas e lagos das cercanias. Era uma localidade muito primitiva. Eles atacaram logo o duro trabalho da derrubada. Com grande entusiasmo John começou a empilhar inúmeras qualidades de gravetos e a fazer enormes fogueiras. O Snr. Muir comprou uma junta de bois e o arroteamento da terra foi iniciado com ardor. Os rapazes desde cedinho até bem tarde faziam tudo por ajudar o pai a preparar a terra para o plantio e a construir uma casa em condições de receber os outros membros da familia que tinham ficado na Escocia. Em fins do outono, pouco antes das primeiras nevadas, a casa ficou pronta e a Snra. Muir chegou com as outras quatro crianças.

John era o mais velho dos meninos, e o pai contava com ele para fazer o trabalho quasi de um homem. No verão o serviço era duro, principalmente na época do cultivo e da colheita do milho. Eles não possuiam nos primeiros anos instrumentos proprios para a lavoura ; as enxadas erguiam-se e baixavam-se como se fossem movidas a maquina. John quasi não descansava um momento, mas tinha verdadeiro orgulho de quanto trabalho era capaz de fazer. Frequentemente trabalhava até dezesete horas por dia.

No inverno, ele e os irmãos levantavam-se cedo para cuidar da criação, afiar os machados, trazer lenha, e fazer duzias de outros serviços. Não se levava em consideração o tempo que fazia, mas unicamente o serviço a ser feito. Aquele trabalho era de pioneiros e só com esforço ingente era possivel ganhar-se a vida.

John foi posto a trabalhar com o arado aos doze anos, quando sua cabeça mal alcançava a altura da rabiça. Por muitos anos o grosso do serviço de arar caiu sobre os seus ômbros. Desde o principio êle resolveu fazê-lo tão bem como se fôra um homem, o que conseguiu. Ninguem poderia abrir sulco mais reto. O trabalho tornava-se dificil principalmente por causa dos tocos de arvores que se encontravam por toda parte, nas terras semi-derrubadas.

Ficava tambem a cargo de John preparar a madeira para as cercas, trabalho duro e que exigia não pequena habilidade. A's vezes cortava e rachava cem páus por dia, de carvalho nodoso, e o maço pesado abatia-se sobre o machado da manhã à noite, até que ficava com as mãos magoadas. Ele se orgulhava de trabalhar tanto, mas os esforços excessivos daqueles dias provavelmente lhe tolheram o crescimento, o que lhe valeu a alcunha de "Anão da Familia".

Após oito anos de árduo labutar, a terra estava enfim inteiramente desbravada. John fizera o voto temerário de trabalhar como um

homem, e mesmo quando não se sentia bem cumpria-o. Levantava-se às vezes às quatro horas da manhã e continuava na peleja até tarde da noite. Quando por fim toda a fazenda estava preparada para a lavoura, seu pai comprou outro pedaço de terra, a uns oito quilómetros dalí, e o mesmo serviço teve de ser repetido.

Em pouco tempo a familia toda mudou-se para a nova fazenda, conhecida pelo nome de Hickory Hill. Era uma terra em boa altitude, fertil, de clima seco, mas sem agua corrente, pelo que foi necessário abrir-se um poço de quasi trinta metros de profundidade. Depois de cavarem tres metros encontraram rocha. O Snr. Muir tentou dinamitá-la, mas não o conseguiu. Então resolveu que John se encarregaria da tarefa com talhadeira de pedreiro, tarefa demorada e fatigante, que oferecia muitos perigos. Ele tinha que se encolher no fundo de um buraco de um metro de diametro e cavar a pedra dia após dia, mêses a fio. De manhã o Snr. Muir e David desciam John num sarilho e iam então tratar da lavoura. Ao meio-dia içavam-no para o almoço, depois do que era novamente baixado e ficava no seu trabalho até a noitinha.

Um dia êle ficou quasi asfixiado pelo gás carbonico que se tinha depositado ao fundo durante a noite. Quando o desceram, quasi perdeu os sentidos, mas conseguiu gritar: "Tirem-me daqui!" Ele chegou ao alto mais morto de que vivo. Atiraram agua no buraco para absorver o gás e desceram um fardo de feno amarrado a uma corda para levar ar puro e agitar o veneno. Afinal obteve-se agua do poço, onde dois baldes de ferro trabalharam anos a fio.

Felizmente para John êle tinha feito bom progresso na escola antes de deixar a Escocia, pois teve poucas oportunidades de estudar desde que veiu ter àquele sertão.

Durante muitos anos quasi todos os momentos eram ocupados em alguma especie de trabalho manual. Contudo, êle tinha sêde de conhecimento e lia com ardor os poucos livros que lhe chegavam às mãos. Entre esses contavam-se a Biblia, partes de poemas de Shakespeare e trechos seletos de Milton, Cowper e outros autores, nem sempre lidos por meninos de sua idade.

Aos vinte e tres anos resolveu frequentar a universidade do estado. Seu pai preveniu-o de que teria de sustentar-se sòzinho. E êle o fez, vivendo muito simplesmente e aproveitando cada oportunidade de ganhar um pouco de dinheiro. Aproveitava as longas ferias de verão trabalhando na colheita.

O que mais interessava John Muir tinha sido sempre as coisas que via na natureza. Desde os dias quando, ainda pequenino, brincava pelos campos e ribeiros da sua cidade natal, gostava de ficar ao ar livre, rodeado de toda aquela beleza viva. Ao terminar seu curso na universidade, teve uma alteração na vista e esteve mesmo ameaçado de cegueira. Desde então fez firme propósito de viver mais perto da natureza e conhecer o mundo tanto quanto fosse possivel.

Percorreu, a pé, varios estados. Depois foi a Cuba, ao Istmo do Panamá e de lá a São Francisco, onde chegou com alguns niqueis só no bolso. Toda essa caminhada foi feita a pé. Dormia ao ar livre a maior parte do tempo e colecionava durante a viagem espécimens biológicos. Via-se por vezes inteiramente desprovido de dinheiro e então arranjava trabalho até ter o suficiente para prosseguir.

Logo ao chegar em São Francisco, visitou as montanhas da Serra Nevada, que desde então se lhe tornaram fonte de perene alegria. Ele as explorou totalmente e foi em grande parte graças aos seus esforços que o governo designou Yosemite como parque nacional. Porisso foi chamado por muitos "O pai de Yosemite".

Em 1876 foi nomeado membro do "United States Coast and Geodetic Survey" e visitou Alaska, onde viajou centenas de milhas sòzinho. Esteve mais tarde na Siberia, Noruega e Suissa. Não passava apressado por aqueles países, como muitos turistas fazem, mas onde quer que fosse estudava sempre, com muito cuidado, as flores e os animais que viviam à solta. Aquilo por que outros passavam apenas um olhar êle observava cuidadosamente. A paixão por estudos dessa ordem levou-o a visitar a India, Russia, Australia, Nova Zelandia, Brasil e outros países. Viajou milhares de quilómetros a pé e geralmente dormia em acampamentos e tendas.

Escreveu varios livros e grande numero de artigos, que apareceram em revistas conceituadas, sobre animais, insétos e flores, dando informações obtidas por estudo direto e pessoal. Conhecia as plantas e os animais por convivencia demorada, devida ao seu amor por êles. A universidade de Harvard e varias outras conferiram-lhe gráus honorarios,

mas pouco valor ele dava a essas coisas. Varias universidades convidaram-no para professor, mas preferiu continuar a sua vida simples entre as montanhas. Das suas viagens no estrangeiro voltou para a Serra Nevada, que amava apaixonadamente, Depois de sua morte, em 1924, estas belas linhas foram escritas em sua memoria por Odell Shepard :

The Prayer of John Muir

Let me sleep among the shadows of the mountain when I die,
In the murmur of the pines and gliding streams,
Where the long day loiters by
Like a cloud across the sky,
And the night is calm and musical with dreams.

Lay me down within a canyon of the mountain, far away,
In a valley filled with dim and rosy light ;
Let me hear the streams at play
Through the vivid golden day,
And a voice of many waters in the night.

Let me lie where glinting rivers ramble down the slanting glade,
Under bending alders, garrulous and cool,
Where the sycamores have made
Leafy shrines of shifting shade,
Tremulous about the ferned and pebbled pool.

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

Creme espanhol:

2 ½ colheres de gelatina granulada.
3 copos de leite.
3 claras.
3 gemas.
½ copo de açúcar.
¼ de colher de chá de sal.
1 colher de chá essência de baunilha.

Ponha a gelatina de molho em um pouco do leite frio e depois dissolva-a no leite fervendo. Misture o açúcar com as gemas ligeiramente batidas. Despeje devagar o leite fervendo. Cozinhe em banho-Maria, até engrossar, mexendo sempre. Tire do fogo acrescente o sal, a baunilha e as claras batidas em ponto de neve. Despeje tudo em forminhas e faça gelar. Serve-se com nata, e pode-se enfetar com creme chantilly.

Dá para 8 pessoas.

Comporta de maçã:

Lave, tire o centro e corte maçãs vermelhas em oitavos. Ponha em uma calda e deixe desmancharem-se os pedaços da maçã.

Pudim de arroz com passas:

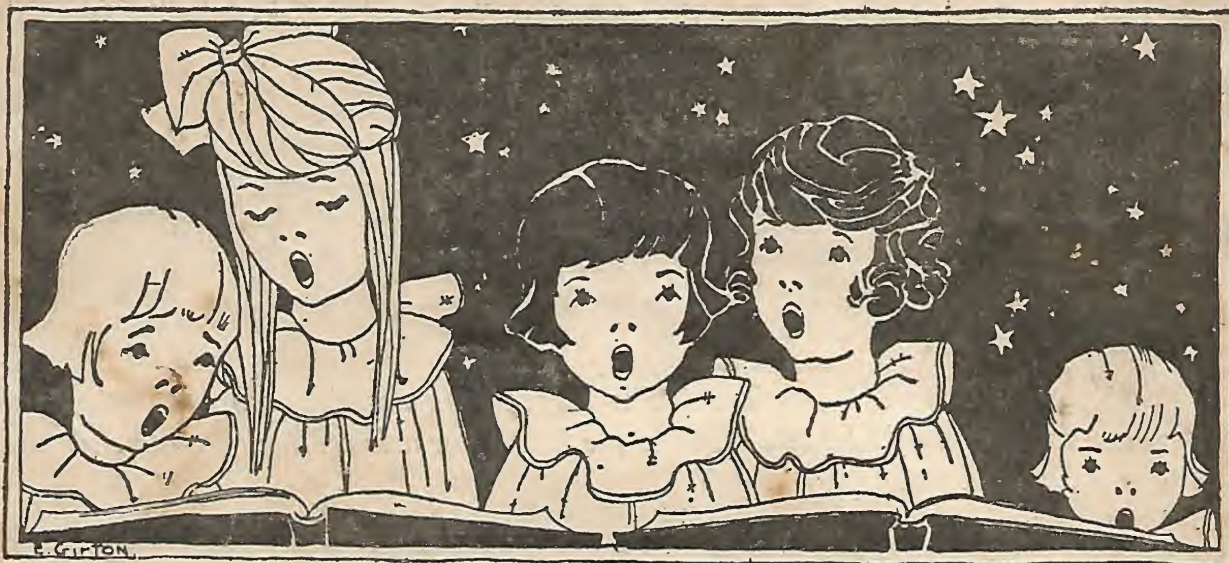
Para um copo e meio de arroz cozido, ponha um creme feito da seguinte forma:

1 clara e duas gemas.
¼ de copo de açúcar.
½ colher de chá de sal.

Misture tudo e acrescente 2 copos de lete. Despeje isso sobre o arroz e misture com meio copo de passas. Asse em forma bem untada com manteiga, em banho-Maria, forno regular, até ficar corado e firme. Tire do forno e cubra com clara batida de 2 ovos e 4 colheres de açúcar. Ponha de novo em forno regular até ficar ligeiramente corado.

1) Completar: *Como Moises levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê, tenha a vida eterna...* ?
2) Qual é a ilha maior do mundo?
3) Que guerra provocou Helena, rainha de Esparta?
4) Qual é a cidade principal de Cuba?
5) Quem foram as esposas de Napoleão?
6) Que drama, escrito por um grande autor alemão trata de um homem que se vendeu ao diabo?
7) Quantos livros há no *Novo Testamento?*
8) Quem se chama na Biblia "o medico amado"?
9) Quais são as quatro "belas artes"?
10) Quem trouxe as primeiras mudas de cana de açucar ao Brasil?
11) Quantas marés altas ocorrem durante uma semana?
12) Que menino escreveu poesias tão admiraveis que a Academia Francêsa não lhe deu o premio por descrer da sua autoria?
13) Qual é a catarata mais alta do mundo?
14) Porque Fevereiro não tem trinta ou trinta e um dias como os outros mêses?
15) Como é que uma mosca pode caminhar pelo teto sem cair?

Respostas ás perguntas de Fevereiro :

1) *E ainda quando for velho, não se desviará dele.*
2) Batum.
3) Pandora... Vulcão.
4) De 1638 a 1865.
5) Os dez mandamentos.
6) *Abril, Junho e Novembro ;*
   De vinte e oito só ha um :
   Os mais são de trinta e um.
7) Vinte para os estados e uma para o Distrito Federal.
8) George Washington.
9) Iônica, dorica, coríntia.
10) A letra *e*.
11) Etna, Vesuvio, Stromboli.
12) A pérola.
13) Na perna ; é o osso que fica na parte anterior.
14) O chefe escocês da Reforma religiosa.
15) Caetano Donizetti (1797-1848).

Jesus Resuscitou!

A este Jesus, resuscitou Deus

2 Jesus resuscitou !
A morte finda está !
No fim as almas que livrou
Comsigo levará.

3 Jesus resuscitou!
Os anjos com fervor,
E nós com grande jubilo,
Louvemos o Senhor.

K. (alt.)